



TRADUÇÃO DE/PARA LÍNGUA DE SINAIS NO ENSINO SUPERIOR: EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS

MÔNICA R. DE SOUZA LOPEZ
RAFAEL DA MATA SEVERINO

INTRODUÇÃO

A conquista por parte dos surdos do espaço acadêmico reclama e ao mesmo tempo promove produções de materiais bilíngues. A crescente presença de tal público em contextos universitários tem acontecido não apenas na qualidade de discentes, mas também na docência, o que exige de quem traduz materiais acadêmicos e de quem interpreta em tais espaços uma busca por formação de igual nível e um aperfeiçoamento de suas práticas. Uma queixa comum entre surdos na comunidade acadêmica é a falta de ferramentas bilíngues, o que reforça a necessidade do trabalho de tradução. Por sua vez, tradutores cujo par linguístico envolvido em seus ofícios inclua pelo menos uma Língua de Sinais, queixam-se de que faltam diretrizes ou

RESUMO

O presente artigo é fruto das reflexões acerca do trabalho tradutório desempenhado pela equipe de tradução do Núcleo de Educação Online (NEO) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). O objetivo é realizar uma análise descritiva dos procedimentos adotados para traduções no ensino superior do INES, desde o trabalho inicial para o curso presencial de Pedagogia Bilíngue até as traduções que hoje são desenvolvidas no NEO na modalidade on-line. Para isso, foram observadas as funções do tradutor-ator, tradutor-supervisor e tradutor-revisor, bem como a importância de definição desses papéis e o diálogo com outros profissionais. Entendemos que é o trabalho em equipe que contribui para a qualidade das traduções. Desse modo, espera-se que este artigo contribua para estudos relacionados à tradução de/para línguas de sinais e auxilie tradutores no desempenho de suas atividades de tradução e organização do trabalho.

Palavras-chave: Tradução. Ensino Superior. Textos videografados. Língua Brasileira de Sinais.

MÔNICA R. DE SOUZA LOPEZ

Especialista em Libras com ênfase em educação bilíngue para Surdos; graduação em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012); pós-graduação em Língua Brasileira de Sinais pela Faculdade Internacional Signorelli (2014). Experiência na área de Letras, com ênfase em Tradução. É tradutora e intérprete efetiva do Instituto Nacional de Educação de Surdos; professora contratada do curso Letras-Libras/ UFRJ; ministra palestras, cursos, oficinas nas áreas de tradução, interpretação, educação de Surdos e Libras; atua como tradutora/atriz em vídeos e espetáculos artísticos/culturais.

RAFAEL DA MATA SEVERINO

Graduado em Letras (Português/Literatura) (FFP/UERJ); possui experiência de interpretação na área educacional (Educação Básica e Ensino Superior), interpretação de conferências, esfera midiática e tradução de material didático para mídias digitais. Atualmente é Tradutor e Intérprete da Libras/Língua Portuguesa do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), onde tem se dedicado a traduções para plataforma online do Curso de Pedagogia Bilíngue na modalidade semipresencial, vinculado ao Plano Viver Sem Limites.

normas técnicas para o trabalho. Assim, as equipes de tradução que desenvolvem projetos ou implementação do trabalho sistematizado de tradução com Língua de Sinais no país veem-se diante de uma grande responsabilidade e do desafio de desbravar um caminho e compartilhar com a classe profissional suas experiências nesse tão recente percurso.

A proposta deste artigo é descrever e compartilhar experiências em tradução de ou para Língua de Sinais no Ensino Superior. A exemplo da equipe de tradução do Curso Letras/Libras da UFSC, que registrou o passo a passo do material traduzido para o curso (OLIVEIRA; SILVA, 2014), aqui será demonstrado como tem sido desenvolvido o trabalho de tradução para os alunos do Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) nos últimos anos. De início, de maneira empírica e amadora, para o curso de Pedagogia Bilíngue presencial foram feitos ajustes e, posteriormente, se obteve avanços; o mesmo acontecendo na modalidade on-line. Destaca-se a importância de uma equipe que possa debruçar-se exclusivamente nos serviços de tradução, entendida a complexidade do fazer tradutório. Serão abordadas questões relacionadas aos equipamentos, aos recursos, bem como ao alinhamento com outros profissionais que fazem parte do processo, especialmente em vista de o trabalho envolver textos videografados. Ressalta-se ainda outras facetas do serviço, como a do tradutor-ator (SEGALA,

2010), do tradutor-supervisor, do tradutor-revisor; e também a aprovação dos rascunhos de vídeo, a locução do material didático tendo em vista sua proposta bilíngue, a participação na elaboração de roteiro, o acompanhamento da etapa de edição dos vídeos, a validação das traduções, entre outras.

Embora este artigo se dedique à descrição prática das experiências vivenciadas pela equipe de tradução, buscou-se embasamento teórico nos estudos da tradução para escolhas, decisões e procedimentos adotados.

PROCEDIMENTOS PARA TRADUÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA BILÍNGUE

Inicialmente, as traduções para o curso de Pedagogia Bilíngue eram realizadas de maneira amadora. Trata-se de um período anterior ao primeiro concurso para seleção de tradutores e intérpretes, no qual a rotatividade de profissionais, a carga horária, a grande demanda de trabalho e a falta de formação específica dificultavam a implementação de um trabalho sistematizado de tradução.

Os intérpretes contratados deviam priorizar o atendimento às demandas de interpretação das aulas, uma vez que o quantitativo de intérpretes contratados para o departamento de Ensino Superior era o mínimo necessário para atender a demanda em sala de aula. Assim, mesmo com grande necessidade e interesse da instituição em oferecer tradução de

textos acadêmicos, documentos, editais, provas e afins, esses serviços, quando realizados, eram feitos após o trabalho de interpretação das aulas ou no período de férias acadêmicas. O tempo necessário para estudo, o perfil profissional, as etapas do trabalho de tradução eram frequentemente desconsideradas, ora por falta de conhecimento técnico/teórico ora por impossibilidade de cumprir com tais procedimentos. Fazia-se o possível, mas não o adequado. O desgaste físico e mental além da falta de critérios específicos e de procedimentos técnicos eram queixas justas e frequentes.

O estúdio e as equipes de filmagem e edição do INES eram solicitados pelos tradutores apenas para a tradução de materiais para público externo, no entanto a maior parte das atividades desenvolvidas se destinava ao curso, sendo realizadas no próprio departamento de Ensino Superior. Não havia um local dedicado para a filmagem das

traduções, então eram utilizadas as salas de aula que estivessem disponíveis, nas quais era escolhida uma parede lisa ou onde pudesse fixar um tecido de TNT trazido pelo próprio tradutor (**Figura 1**). Não havia equipamento profissional de filmagem e edição. Para tal tarefa, eram utilizadas câmeras e tripé domésticos, operados pelos próprios tradutores, o que levava a outros entraves, como, por exemplo, a falta de habilidade, familiaridade ou conhecimento mínimo necessário para ajustes de equipamento, filmagem e edição, sobrecarregando os poucos profissionais que se dispunham a atender a todas as demandas de interpretação e atuar na tradução.

Em 2013, após concurso público que, pela primeira vez, trouxe ao quadro funcional do INES profissionais tradutores e intérpretes, os serviços de tradução ainda não eram estruturados da maneira mais adequada, pois continuava sendo necessário priorizar as atividades de sala de aula ou outros espaços com



Figura 1 – Processo de tradução
Arquivo pessoal da tradutora

o serviço de interpretação. Contudo, com a realização de um segundo concurso e o aumento quantitativo desses profissionais, foi possível organizar grupos para atender demandas específicas. Assim, uma equipe focada nas tarefas de tradução passou a desenvolver e implementar novos projetos e ações necessárias para sua execução.

A partir disso a equipe de tradução passou a ter condições de adotar procedimentos pertinentes à atividade. O primeiro passo foi encarar a tradução como um projeto, isso significou estabelecer um gerenciamento que definisse funções, linha de atuação, prazos, objetivos etc. Sobre definir funções em um projeto, a equipe de três tradutores se configurou da seguinte forma: tradutor-ator (traduz e apresenta), tradutor-supervisor (traduz, supervisiona a gravação, atua como “diretor” e faz a revisão imediata com o tradutor-ator) e tradutor-revisor (atua como leitor, receptor crítico da tradução e faz a revisão final do material pós-edição). Outra ação importante foi a programação do estúdio e dos profissionais de filmagem e edição em dois dias fixos semanais de modo que os tradutores pudessem se concentrar naquilo que condiz com sua formação, sua habilidade e seu cargo — a tradução.

EQUIPE DE TRADUÇÃO NO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ONLINE (NEO)

Uma nova proposta surgiu com a criação do curso na modalidade EAD. A linguagem on-line exigia um ajuste na

atuação. A tradução passou a fazer parte de um fluxo de trabalho, o que resultou na formação de uma equipe básica, fixa e própria do Núcleo de Educação Online (NEO). Embora a equipe tenha sido composta inicialmente por apenas três tradutores, os projetos de tradução contavam com a participação de professores surdos em algumas traduções.

Os procedimentos básicos são os mesmos adotados em equipes ou agências de tradução em qualquer língua, mas quando a tradução envolve pelo menos uma língua de sinais, como é o caso no NEO, os textos são filmados, ou seja, são videografados, exigindo outros conhecimentos, habilidades e técnicas dos tradutores.

Muito esforço acontece antes de se entrar em estúdio para o registro do texto em Libras. Após receber o texto ou o roteiro tem início a seguinte movimentação:

- Um representante da equipe gerencia o fluxo de tradução primeiro analisando o material e designando as funções para a tradução solicitada de acordo com a proposta do professor e o perfil do tradutor.
- O tradutor que atuará no vídeo recebe o texto ou o roteiro com antecedência para estudo da matéria, incluindo levantamento terminológico, identificação de possíveis problemas tradutórios, se haverá necessidade de consultoria conceitual ao professor da disciplina ou outro profissional da área

do conteúdo solicitado, consultoria vocabular ou buscas terminológicas.

- O próximo passo é uma leitura coletiva para que os outros membros da equipe, como o supervisor e o revisor, possam se familiarizar com o conteúdo e trocar opiniões a respeito das escolhas adotadas. O treinamento pode ser feito também por meio de rascunhos de vídeos.
- Uma vez tendo compreendido e internalizado a matéria, cada tradutor adota o método pessoal em que sente mais confortável para o momento da gravação. Dependendo do projeto, alguns adotam glosinais, proposta de Campello e Castro (2013), para o texto que será exibido no *teleprompter*; outros, fazem um mapeamento no qual breves frases servem de esboço para trechos que resumam e façam lembrar do conteúdo de cada parte do texto: da introdução, do desenvolvimento e da conclusão. Há tradutores que preferem usar seu rascunho de vídeo como guia. No caso de tradutores ouvintes, há ainda quem prefira usar, além do texto escrito, um áudio do mapeamento do texto ou das glosas com a própria voz para orientá-los na gravação.

Independentemente do procedimento adotado, as etapas e o estudo prévio necessário para tradução devem ser respeitados para um bom resultado do trabalho. Como afirmam Galasso et al.:

Na fase de tradução, aspectos meto-

dológicos e práticos permeiam todas as atividades da equipe, o que não exclui a abordagem teórica. Diferentemente do que é observado em outras correntes teóricas, sobretudo as tradicionais, a tradução trabalhada no NEO não entende o papel do tradutor como atividade mecânica, pois este profissional deve ser compreendido como questionador, e não passivo ou inconsciente ante as informações que recebe. (2018, p. 69)

Assim, vale destacar a importância de desenvolver um trabalho em equipe de maneira que seja possível distribuir funções específicas, como relatado na seção a seguir.

TRABALHO EM EQUIPE COM FUNÇÕES INDIVIDUAIS

As experiências anteriores em tradução de ou para Língua de Sinais ajudaram os autores deste artigo a entender o valor de uma equipe eficiente. Tem-se dito que o trabalho do tradutor é solitário, o que até certo ponto é verdade: leitura, estudo, levantamento terminológico, escolha de termos para equivalência de sentido entre a língua fonte e língua de chegada, mapeamento e texto para uso no *teleprompter* são tarefas desenvolvidas por um tradutor, no caso o que atuará no texto final em vídeo. No entanto, é produtiva a consulta aos pares durante o processo e na ocasião da filmagem do texto final, com a presença do tradutor-supervisor. Leite e McCleary (2009), falando sobre aprendizagem de Libras, demonstraram importante



Figura 2 – Interações com grafismos e animações
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yB2AbXsp3qU>

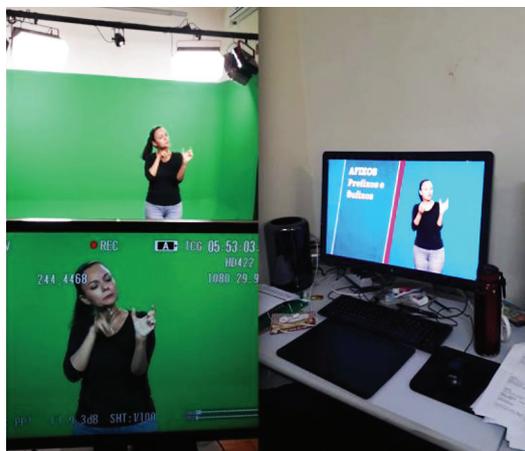


Figura 3 – Para tanto, é necessário que tradutor-ator e tradutor-supervisor estejam alinhados, façam acordos prévios e esquematizem juntos a dinâmica da gravação das cenas. Nessa etapa também é feita uma primeira revisão, ou revisão imediata por parte do tradutor que apresenta e o que supervisiona para apontar possíveis pontos de correção ou necessidade de regravação.
Arquivo pessoal da tradutora. Fonte: elaborado pelos autores

aspecto ou característica da língua que justifica a necessidade de supervisão nos textos traduzidos para Língua de Sinais, “é o fato de o usuário da Libras não ter um feedback de sua própria produção enquanto sinaliza” (p. 262). Nas línguas orais o tradutor está todo o tempo diante do texto que está produzindo. O que o permite reler brevemente as últimas sentenças, identificar erros ortográficos,

redundância, repetição de termos entre outros e fazer prontamente os ajustes que julgar necessário.

Na tradução para Língua de Sinais isso não é possível, daí a importância da supervisão para identificar e alertar ao tradutor-ator a necessidade de possíveis ajustes. O olhar do tradutor-supervisor da perspectiva de “leitor” do texto é um importante apoio (**Figura 3**);

contribui para clareza das informações, uso adequado do espaço ao apontar os referentes etc. Evita também o retrabalho de gravar novamente longos trechos por algum deslize que o tradutor-ator perceberia apenas ao final da gravação. O supervisor assume, de certa forma, a função de diretor quando a gravação do texto envolve interação e/ou referências às legendas, aos grafismos ou às animações por parte do ator (**Figura 2**).

Para tanto, é necessário que tradutor-ator e tradutor-supervisor estejam alinhados, façam acordos prévios e esquematem juntos a dinâmica da gravação das cenas. Nessa etapa também é feita uma primeira revisão, ou revisão imediata por parte do tradutor que apresenta e o que supervisiona para apontar possíveis pontos de correção ou necessidade de regravação.

Na etapa pós-tradução é realizada a revisão final (veja **Figura 3**), outra

importante função do tradutor, agora atuando como revisor. Como em qualquer texto, a revisão deve ser feita por outro profissional, e não pelo próprio tradutor ou autor do texto. Então, o terceiro membro da equipe envolvido no projeto assume o posto durante a edição do texto. Além de apoiar o editor na organização das sequências gravadas, ou em pontos em que serão utilizadas legendas ou outros recursos, o revisor estará atento à sinalização e se algum erro passou despercebido pelos colegas. Primeiro, a revisão é feita por cotejo com o texto fonte e, depois, na inserção de todas as legendas, grafismos ou outros recursos. O revisor fará a revisão como leitor, atestando a fluidez textual, uma vez que a equivalência de conteúdo já foi verificada.

Por fim, tal trabalho em equipe é o que promove a qualidade do produto final entregue (veja **Figuras 4-6**).



Figura 4 – Vídeo finalizado. Material traduzido.
Disponível em: http://www.youtube.com/channel/UCFjIEfwRslIhe33ks_LwpPQ. Fonte: elaborado pelos autores



Figura 5 – Vídeo finalizado. Material traduzido.
Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=hgfwtWtZ7uA&t=245s>. Fonte: elaborado pelos autores



Figura 6 – Vídeo finalizado. Material traduzido.
Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Ydgog3PEY74&t=5s>. Fonte: elaborado pelos autores

PRINCIPAIS RESULTADOS

Este artigo procurou descrever o desenvolvimento do serviço de tradução no âmbito do Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Trata-se de especificidades na tradução envolvendo textos acadêmicos e materiais didáticos que requerem formação, afinidade com a área e experiência em Ensino Superior.

Destaca-se a necessidade da troca de experiências entre tradutores para o aperfeiçoamento desse campo de

atuação. Segala (2010), ao descrever a etapa de estudo prévio do texto a ser traduzido, oferece uma medida desse parâmetro: “Esse procedimento todo leva em torno de 40 horas, ou seja, uma semana de trabalho para traduzir um texto de aproximadamente 13 páginas” (p. 37). Na vivência de tradução dos autores deste artigo, no entanto, foi constatado que há outros fatores envolvidos e que, portanto, com uma regra fria de horas trabalhadas/quantidade de páginas nem sempre é

possível mensurar. A complexidade do conteúdo e a competência referencial, ou falta dela, influenciam muito mais no tempo necessário para a tradução do que o número de páginas que o texto apresenta. Já para o produto, o texto traduzido é mais fácil de ser definido, uma lauda possivelmente resultará em um vídeo/texto em Libras com cerca de cinco minutos. Tal base de referência é importante na previsão de tempo de vídeo do texto solicitado. Outra importante constatação é que gravar durante muitas horas seguidas é contraproducente, pois, com o desgaste físico e mental, erros, cortes e interrupções são mais frequentes, além de a postura e as expressões faciais/corporais do tradutor-ator nitidamente decaírem. O melhor tem sido agendar as filmagens para o início das atividades do dia e respeitar os próprios limites no que diz respeito ao tempo de gravação.

Visto que a proposta do NEO, local de trabalho da equipe aqui descrita, é priorizar a Língua de Sinais nas traduções, por vezes são necessários ajustes no texto fonte por questões métricas, ou adequações para legendas e locução, tarefas que também são designadas aos tradutores.

O trabalho atualmente desenvolvido pelo NEO tem permitido que a equipe exerça sua função nos projetos de tradução de modo mais adequado, ainda que não seja o ideal almejado. Os profissionais contam com um fluxo previamente definido de trabalho, têm estúdio

próprio com equipamentos modernos e exercem diversas funções correlacionadas às práticas tradutórias, como prestar consultoria técnica, participar na roteirização dos textos a serem traduzidos e validar traduções realizadas por tradutores convidados. Todas essas facetas de trabalho são definidas e distribuídas entre os membros da equipe, o que exige reuniões periódicas para organização do trabalho e disposição para ajustes sempre que necessário.

Frequentemente, a equipe de tradução do NEO/INES é consultada por tradutores de outras instituições que trabalham com tradução de ou para Libras sobre a implementação do seu processo, uma vez que o mais comum é a atuação em sala de aula com intérpretes educacionais e porque a bibliografia sobre o assunto ainda é escassa, como relatam Souza e Vital:

Foram encontradas poucas pesquisas registradas e, por essa razão, fizeram-se necessárias outras estratégias para coleta de informações, incluindo visitas técnicas a outras instituições – como o INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) – além de contato com profissionais que já desenvolvessem esse tipo de trabalho e, por fim, adaptação à realidade e necessidades da UFRJ e do departamento de Letras- Libras para a realização destas traduções. (2018, p. 113)

Assim, é possível perceber que mesmo os profissionais com formação específica em tradução estão diante do desafio da teoria à prática e do esforço

para conscientizar e convencer a instituição na qual atuam sobre a necessidade de sistematizar o trabalho de tradução. Que este breve compartilhamento de problemas, soluções e ações

desenvolvidas possa contribuir para a organização de outras equipes, a promoção do trabalho de tradução e o aprimoramento das próprias práticas.

REFERÊNCIAS

CAMPELLO, A. R. e S.; CASTRO, N. P. Introdução da glosinais como ferramenta de tradução/ interpretação das pessoas surdas brasileiras. *Revista Escrita*, n. 17, p. 1-14, 2013.

GALASSO, B. J. B.; LOPEZ, M. R. de S.; SEVERINO, R. da M.; LIMA, R. G. de; TEIXEIRA, D. E. Processo de produção de materiais didáticos bilíngues do Instituto Nacional de Educação de Surdos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Bauru, v. 24, n. 1, p. 59-72, mar. 2018.

LEITE, T. A.; MCCLEARY, L. Estudo em diário: fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da língua de sinais brasileira por um adulto ouvinte. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.

(Orgs). *Estudos surdos IV*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2009.

OLIVEIRA, J.S; SILVA, R.C. Equipe de tradução do curso de Letras Libras. In: QUADROS, R. M. de. (Org). *Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

SEGALA, R.R. *Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SOUZA, R. P. L. de; VITAL, D. S. H. O processo de tradução para Libras por meio de vídeos. In: SEMINÁRIO UFRJ FAZ 100 ANOS: HISTÓRIA, DESENVOLVIMENTO E DEMOCRACIA. *Anais...* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018. p. 110-119. vol. 3.

DIVULGAÇÃO

www.ines.gov.br/coines

COINES



**CONGRESSO
INTERNACIONAL
E SEMINÁRIO
NACIONAL
DO INES**

